

Apresentação

Se, como todos sabemos, navegar é preciso, nem por isso deixa de ser, a *travessia*, arriscada. O giro da bússola e a contenção dos desejos não bastam, no entanto, para estabelecer um istmo, mesmo precário, que assegure a manutenção do rumo, e o vigor do remo. A *travessia*, tornada acaso, perde o melhor de si, como perde também caso o ir e vir se reduza aos rigores de uma rota cujo cumprimento responde antes de tudo a exigências instrumentais, ou burocráticas.

Estabelecido um destino, há infinitos caminhos que podemos tomar, e esse infinito é paradoxalmente ampliado quando tal destino se pluraliza em rede. Isso sem lembrar que mesmo os caminhos são vários, já que inevitavelmente se bifurcam. Naufragada a nave de anos de *travessia*, em viagens por vezes tumultuadas, premidas por contingências que todo marinheiro conhece à exaustão, seus despojos nos motivaram a reunir uma nova equipagem, e soltar amarras na aventura de *outra travessia* — nem melhor e nem pior, apenas *outra*.

Claro que experiências anteriores nos ensinam, e em certa medida nos apartam. É difícil crer, no porto em que estamos, na existência de mares nunca dantes navegados. O nó da questão, de todo modo, não parece mais estar no mar, mas antes no olhar com que o contemplamos. A literatura e a cultura, maleáveis e moldáveis porém moventes, pulsantes e imprevisas, incontornáveis, são a água, matéria que singramos. Não se trata de abordá-la e tampouco de explorá-la, como tanto já se fez; que flua como fonte que alimenta e excita e suscita nossa inteligência, imaginação e capacidades crítica e analítica.

Essa *outra travessia* é portanto ensaio, isto é, diálogo. É paradoxo, ao mesmo tempo alhures e ao lado. Não pretende servir a império algum, mesmo porque este prescinde, o poder da frota que tem: deixemos para ele o mar profundo. Nossa navegação, de cabotagem, deve por isso estar atenta para as águas que margeiam, porção que nos resta. O que não deixa de trazer vantagens: as margens, afinal, são muitas, cada uma com contornos próprios, imprevisos.

À equipagem da *outra travessia* compete antes de tudo orientar a nau, imaginar roteiros, esboçar mapas, rasurá-los e rasgá-los. A aventura estará aberta a todos os que a quiserem tentar. Claro que marujos, não importa de onde, cujos vislumbres pulsem como faróis, serão convidados a dela fazer parte: *outra travessia* irá publicar ensaios recentes de intelectuais de reconhecido renome, visando a atuar de modo fomentador na cena cultural brasileira. Afinal, nenhuma viagem vale a pena se perde de vista seu efeito instigador: cada uma delas anunciando a seguinte, tão igual e diferente.

Este número — tal face de Jano — assume ser simultaneamente porto a que chegou a *travessia* após 40 números, em pouco mais de 20 anos, e porto de partida da *outra travessia* que agora se inicia

— daí sua peculiar numeração: 40/1. Para um lugar de transição nada mais apropriado do que propor reflexões acerca do periodismo literário e cultural, tema articulador deste número. Introduzindo os ensaios dos colaboradores convidados, os editores propõem uma pequena trama de vozes diversas que em sua singularidade se posicionam sobre o mesmo fenômeno e que nos convidam a partilhar o horizonte por elas descortinado. A posição de *outra travessia* frente à diferença lingüística da América Latina é a de não estimular a competição entre as duas línguas da colonização do espaço latino-americano; por isso, *outra travessia* opta por não traduzir os textos em espanhol.

O número 2 da *outra travessia* também faz parte do mesmo processo de transição. Dedicado a Euclides da Cunha, nele a participação dos colaboradores foi requestada pelos editores. A partir do terceiro número, no entanto, *outra travessia* lançará chamadas universais com base em propostas temáticas específicas. Os ensaios recebidos serão submetidos aos pareceres do conselho editorial cuja composição foi sensivelmente alterada. Além de atuar na avaliação dos ensaios a serem publicados, o conselho também atuará orientando a política editorial da revista. As viagens têm custos, às vezes mais pesados que a bagagem, ou a carga. E como quem financia demanda, só resta à equipagem se submeter. Parte dessas mudanças na *outra travessia* respondem à necessidade de nos adequarmos às normas das agências financiadoras das quais, para se repetir a cada semestre, depende a *outra travessia*.

Finalmente, nessa jornada inicial gostaríamos de agradecer sinceramente aos colegas que aceitaram fazer parte do conselho editorial da *outra travessia*; e de também expressar nossa gratidão especial a Raúl Antelo, pelo apoio e pelas sugestões bastante valiosas para a imaginação da paisagem na qual pretendemos nos confundir, bem como pela seleção dos fragmentos que compõem a constelação "revistas entrevistas". Além disso, agradecemos a Wladimir Antonio da Costa Garcia e a Juliane Bürger pela tradução de alguns fragmentos, e a Amir Brito Cadôr não só pela qualidade do projeto gráfico com que nos brindou, mas também pelo empenho em buscar ilustrações que estabelecessem um instigante diálogo entre a literatura, a crítica e as artes visuais.